

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos,
3ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

Índice

ALGUNS PASSOS DISCRETOS E TRISTES

NESTE RETIRO DEVEMOS SUPPOR O POETA CONSULTADO DE VARIOS AMIGOS COM ALGUNS ASSUMPTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM AS OBRAS SEGUINTE.

CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE.

PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL HE MAYOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JA POSSUIDO.

DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEO NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES.

TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTÃO AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIO, NEM TRATOU A CORTE.

MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAYO DE HUMA POMPOSA FLOR.

MORALIZA O POETA SEU DESASOCEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPAÇOS DE SEU CANTO.

MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTANCIA DOS BENS DO MUNDO.

A HUMA DAMA QUE SE MOSTRAVA PARA O POETA TODA DESDENHOSA, E CRUEL.

A HUMA DAMA A QUEM NÃO RENDIÃO FINEZAS.

ESTRIBILHO

A HUMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS.

A HUMAS SAUDADES.

NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR.

ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE.

ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFÔGO.

QUEYXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA PARA AS MESMAS PENAS.

CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCCULTO.

AUSENTE DE HUM CONHECIDO BEM RECEA TEMEROSO AS QUEBRAS.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO MESMO INTENTO.

CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEO NA POSSE.

COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELLAS MUYTO SATISFEYTO COM A NOBREZA DO SIMILE. A PRIMEYRA QUARTA NÃO HE SUA.

NO FLUXO E REFLUXO DA MARE ENCONTRA O POETA INSENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES.

PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE HUM CAUDALOSO RIO QUAM DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA.

SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO.

NUMA ILUSTRE ACADEMIA.

CORAÇÃO, QUE UM PERTENDER.

SERVIU LUÍS À ISABEL.

AMOR, QUE ES FUEGO, Y AMADO.

SE HOUVERA CONFORMIDADE.

VIDINHA: POR QUE CHORAIS?

DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO.

PARECE QUE JA SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA.

DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS FRIVOLOS, E TOTALMENTE CONTRARIOS A RAZÃO DO AMOR.

17 - ALGUNS PASSOS DISCRETOS E TRISTES

Eu fiquei com minhas mágoas

Oh nunca foram tantos
nem tão fortes meus males
como as ondas

**NESTE RETIRO DEVEMOS SUPPOR O POETA CONSULTADO DE VARIOS AMIGOS
COM ALGUNS ASSUMPTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM
AS OBRAS SEGUINTEs.**

Fábio; que pouco entendes de finezas.
Quem faz só, o que pode, a pouco obriga;
Quem contra os impossíveis se afadiga,
A esses se dê amor em mil ternezas.

Amor comete sempre altas empresas;
Pouco amor muita sede não mitiga;
Quem impossíveis vence, este me instiga
Vencer por ele muitas estranhezas.

As durezas da cera o Sol abranda,
E da terra as branduras endurece,
Atrás do que resiste, o Raio se anda.

Quem vence a Resistência, se enobrece,
Quem pode, o que não pode, impera, e manda;
Quem faz mais do que pode, esse merece.

CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE.

Ditoso aquele, e bem aventurado,
Que longe, e apartado das demandas
Não vê nos tribunais as apelandas,
Que à vida dão fastio, e dão enfado.

Ditoso, quem povoa o despovoado,
E dormindo o seu sono entre as Holandas
Acorda ao doce som, e às vozes brandas
Do tenro passarinho enamorado.

Se estando eu lá na Corte tão seguro
Do néscio impertinente, que porfia,
A deixei por um mal, que era futuro;

Como estaria vendo na Bahia,
Que das Cortes do mundo é vil monturo,
O roubo, a injustiça, a tirania.

PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL HE MAYOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JA POSSUIDO.

Quem perde o bem, que teve possuído,
A morte não dilate ao banimento,
Que esta dor, esta mágoa, este tormento
Não pode ter tormento parecido.

Quem perde o bem logrado, tem perdido
O discurso, a razão, o entendimento:
Porque caber não pode em pensamento
A esperança de ser restituído.

Quanto fosse a esperança alento à vida,
Té nas faltas do bem seria engano
O presumir melhoras desta Sorte.

Porque onde falta o bem, é homicida
A memória, que atalha o próprio dano,
O Refúgio, que priva a mesma morte.

DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEO NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES.

O bem que não chegou ser possuído,
Perdido causa tanto sentimento,
Que faltando-lhe a causa do tormento,
Faz ser maior tormento o padecido.

Sentir o bem logrado, e já perdido
Mágoa será do próprio entendimento,
Porém o bem, que perde um pensamento,
Não o deixa outro bem restituído.

Se o logro satisfaz a mesma vida,
E depois de logrado fica engano
A falta, que o bem faz em qualquer Sorte:

Infalível será ser homicida
O bem, que sem ser mal motiva o dano,
O mal, que sem ser bem apressa a morte.

TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTÃO AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIO, NEM TRATOU A CORTE.

Ditoso tu, que na palhoça agreste
Viveste moço, e velho respiraste,
Berço foi, em que moço te criaste,
Essa será, que para morto ergueste.

Aí, do que ignoravas, aprendeste,
Aí, do que aprendeste, me ensinaste,
Que os desprezos do mundo, que alcançaste,
Armas são, com que a vida defendeste.

Ditoso tu, que longe dos enganos,
A que a Corte tributa rendimentos,
Tua vida dilatas, e deleitas!
Nos palácios reais se encurtam anos;
Porém tu sincopando os aposentos,
Mais te deleitas, quando mais te estreitas.

MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAYO DE HUMA POMPOSA FLOR.

- 1 De que serviu tão florida,
caduca flor, vossa Sorte,
se havia da própria morte
ser ensaio a vossa vida?
quanto melhor advertida
andáveis em não nascer,
que se a vida houvera ser
instrumento de acabar,
em deixares de brilhar,
deixaríeis de morrer.
- 2 Enquanto presa vos vistes
no botão, onde morastes,
bem que a vida não lograstes,
de esperança vos vestistes:
mas depois que, flor, abristes,
tão depressa fenecestes,
que quase a presumir destes
(se se pode presumir)
que para a morte sentir,
somente viver quisestes.
- 3 Fazendo da pompa alarde
abre a Rosa mais louçã,
e o que é gala na manhã,
em luto se torna à tarde:
pois se a dita mais cobarde,
se a mais frágil duração
renascestes, porque não
terei de crer fundamento,
que foi vosso luzimento
da vossa sombra ocasião.
- 4 E pois acabais florida,
bem se vê, flor desditosa,
que a não seres tão formosa,
não fôreis tão abatida:

desgraçada por luzida,
ofendida por louçã
mostrais bem na pompa vã
as mãos do tempo cobarde,
que fenecesces à tarde,
por luzires na manhã.

- 5 Assim pois quando contemplo
vossa vida, e vossa morte,
em vós, flor, da minha sorte
encontro o mais vivo exemplo:
subi da fortuna ao templo,
mas apenas subi digno,
quando me mostra o destino,
que, a quem não é venturoso,
o chegar a ser ditoso
é degrau de ser mofino.

MORALIZA O POETA SEU DESASOCEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPAÇOS DE SEU CANTO.

Contente, alegre, ufano Passarinho,
Que enchendo o Bosque todo de harmonia,
Me está dizendo a tua melodia,
Que é maior tua voz, que o teu corpinho.

Como da pequenez desse biquinho
Sai tamanho tropel de vozeria?
Como cantas, se és flor de Alexandria?
Como cheiras, se és pássaro de arminho?

Simple cantas, e incauto garganteias,
Sem ver, que estás chamando o homicida,
Que te segue por passos de garganta!

Não cantes mais, que a morte lisonjeias;
Esconde a voz, e esconderás a vida,
Que em ti não se vê mais, que a voz, que canta.

MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTANCIA DOS BENS DO MUNDO.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintá-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

A HUMA DAMA QUE SE MOSTRAVA PARA O POETA TODA DESDENHOSA, E CRUEL.

MOTE

Gileta siempre cruel,
mira-me piedosa un dia,
pues saben todos, que matas,
sepan, que puedes dar vida.

- 1 Que diré de tu crueldad,
de tu rigor que diré,
Gileta, si no que fué
mi estrella, y fatalidad:
que eres mi estrella, es verdad,
pero tan mala, y infiel
no lo dirá mi pincel,
solo diré de sentido,
que para mi ruego has sido,
Gileta, siempre cruel.
- 2 Ni un solo dia pudiste
perder tu fiero rigor,
que para perder mi amor
tu condicion no perdiste:
si ni aun esto conseguiste
de la fé, y firmeza mia,
ociosa es la tyrannia,
y pues no sirve a tu affecto
ser tyranna sin effecto,
Mira-me piedosa um dia.
- 3 Si por matar-me inhumana
te precias de rigorosa,
quien puede matar de hermosa,
no me mate de tyranna:
y se a que más soberana
te sepan, los que maltratas,
tantas vidas desbaratas,
conocida tu inclemencia,
ya excusas la diligencia,
Pues saben todos, que matas.

- 4 Quando a dar muertes te inclina
tu ser, humana te muestra,
que si a dar vidas te adiestra,
te acreditas por divina:
tu fama haze peregrina,
si eres, Gileta entendida,
y a todos, bella homicida,
muestra tu poder, de suerte
que aquellos, a quien dás muerte,
Sepan, que puedes dar vida.

A HUMA DAMA A QUEM NÃO RENDIÃO FINEZAS.

Sobre esta dura penha,
que repartida em rocas
contra o mar inimigo
quatro fileiras forma:

Dos mares combatida,
escalada das ondas,
incêndios de salitre
não rendem tanta força.

A rocha permanente
às ondas porfiosa,
cheio o mar de coragem
a penha de vitórias.

Não há um desengano
para fúrias tão loucas
de um elemento débil,
a quem o vento assopra.

Mas o curso dos dias,
e a carreira das horas,
que dão a todo o mundo
escarmento e memória,

Hão de mostrar-lhe enfim,
que nas maiores forças
não há intento sisudo
com esperanças loucas.

Aqui pois onde o fado
me conduz, ou me arroja
a escrever desenganos
ao mar desde esta roca:

Quero queixar-me ao céu
nas cordas numerosas
de minha triste lira
já de queixar-me rouca.

Porque razão, pergunto,
a esfera luminosa
me fez tão semelhante
desta invencível roca?

A roca inexpugnável
reveste-se animosa
da pólvora dos ventos,
que dentro d'água estoura:

E eu também me resisto,
há mais de mil auroras
aos vaivéns da fortuna,
vários, como ela própria.

A penha incontrastável,
cada maré se molha,
e leva o branco pé
nas sucessivas ondas.

Eu também incansável
me levo cada hora
no sucessivo pranto,
que me inunda, e me afoga.

As ondas à porfia
até ver se se prostra
o firme de um penhasco
o duro de uma rocha.

Também minha fortuna
tenaz, e porfiosa
insiste, em que se prostre
minha firmeza heróica.

ESTRIBILHO

Oh nunca semelhante
fora eu desta roca,
oh nunca foram tantos
nem tão fortes meus males
como as ondas.

A HUMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS.

1 Filena: eu que mal vos fiz,
que sempre a matar-me andais,
uma vez, quando me olhais,
outra quando me fugis:
vi-vos, e logo vos quis
tão inseparavelmente,

que nem a vista ao presente
ao menos sabe dizer-me,
entre ver-vos, e render-me
qual foi primeiro acidente.

- 2 Vós sois tão esquiva, e tal,
que outras cousas não sabendo,
da vossa esquivança entendo,
que o meu amor me fez mal:
não cabe em meu natural
fugir, de quem me maltrata,
e se me sai tão barata
a vingança de querer-vos,
quero amar-vos, e sofrer-vos,
porque fiqueis mais ingrata.
- 3 Não sinto esta pena atroz,
que me fazeis padecer,
antes folgo de morrer,
vendo, que morro por vós:
e se com passo veloz
vejo a morte já chegar,
não sinto ver-me acabar,
sinto a glória, que vos cresce,
que uma ingrata não merece
a glória de me matar.
- 4 Vivam vossas esquivanças,
e vossa crueldade viva,
que a sem-razão de uma esquiva
acredita as esperanças:
tudo tem certas mudanças,
também se muda o rigor,
e se Amor me dá valor
para sofrer-vos, e amar-vos,
claro está, que hão de mudar-vos
firmezas do meu amor.

A HUMAS SAUDADES.

- 1 Pelo mar do meu tormento,
em que padecer me vejo,
já que amante me desejo
navegue meu pensamento:
meus suspiros formem vento,
com que me faças ir ter,
onde me desejo ver,
e diga minha alma assi,
Parti, coração parti,
navegai sem vos deter.
- 2 Ide donde meu amor
apesar desta distância

nem há perdido a constância,
nem há admitido rigor:
antes mais superior
assim se quer exceder,
porém se desfalecer
em tantas adversidades
Ide-vos minhas saudades
a meu amor socorrer.

NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR.

MOTE

Para que nasceste, rosa,
se tão depressa acabaste,
nascas na manhã triunfante,
morres despojo de tarde.

- 1 Nasce a rosa, e nasce a flor
de tanta cor matizada,
quando se vê desmaiada
triste sem vida, e sem cor:
tudo quanto no candor
se ostentava majestosa,
então menos venturosa
perde toda a louçania,
e para brilhar um dia
Para que nasceste Rosa?
- 2 Se por nascer tão subida
perde a rosa a perfeição,
enquanto a rosa em botão
mais se lhe dilata a vida:
nessa pompa já perdida,
com que, rosa, te enfeitaste,
vendo o pouco que duraste,
da vida foste um nonada,
nem foste rosa, nem nada,
Se tão depressa acabaste.
- 3 Se na manhã encarnada
te julgas perfeita rosa,
olha o lustre de formosa
como o perdes desmaiada:
quem te viu na madrugada
entre as mais flores reinante,
que na tarde não se espante,
quando murcha assim te vê!
dize, rosa, para que
Nascas de manhã triunfante.
- 4 Se como rosa nasceste
com tão galhardo valor,

como rosa, e como flor
a pompa, e garbo perdeste:
se tanto te engrandeceste,
como te mostras cobarde,
pois quando fazendo alarde
de te ver tão majestosa,
por ver-te na manhã rosa,
Morres despojo de tarde.

ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE.

Oh que cansado trago o sofrimento,
E que injusta pensão de humana vida,
Que dando-me o tormento sem medida,
Me encurta o desafoço de um contento!

Nasceu para oficina do tormento
Minha alma a seus desgostos tão unida,
Que por manter-se em posse de afligida,
Me concede os pesares de alimento.

Em mim não são as lágrimas bastantes
contra incêndios, que ardentes, me maltratam,
Nem estes contra aqueles são possantes.

Contrários contra mim em paz se tratam,
E estão em ódio meu tão conspirantes,
Que só por me matarem, não me matam.

ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFÔGO.

Montes, eu venho a buscar-vos
para contar-vos meu mal,
inda que o vosso silêncio
interrompa com meus ais.
Já sabeis, que adora à Menga,
a quem para sujeitar
frágil corrente é meu pranto
desatado em seu cristal.
Já vos referi mil vezes,
como Menga com Pascoal,
em cima de me dar zelos,
zelos me obriga a aceitar.
Se o remédio é não tomá-los,
dá-me Menga em se queixar,
de que sou Pastor grosseiro,
pois não tomo, o que me dá.

**QUEYXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA
PARA AS MESMAS PENAS.**

Em o horror desta muda soledade,
Onde voando os ares a porfia
Apenas solta a luz a aurora fria,
Quando a prende da noite a escuridade.

Ah cruel apreensão de uma saudade,
De uma falsa esperança fantasia,
Que faz que de um momento passe o dia,
E que de um dia passe à eternidade!

São da dor os espaços sem medida,
E a medida das horas tão pequena,
Que não sei, como a dor é tão crescida.
Mas é troca cruel, que o fado ordena,
Porque a pena me cresça para a vida,
Quando a vida me falta para a pena.

CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCCULTO.

MOTE

Amargo paguen tributo
mis ojos al desamor,
pues de una esperanza en flor
es oy desengaño el fruto.

- 1 Solos de mi triste enojo
ojos, podreis dar indicios,
pues aquestos desperdicios
los tuvisteis siempre de ojo:
oy, a que lloreis, me arrojó
con desengaño absoluto,
que el reconcentrado luto,
(con causa a los ojos tanto)
pide a los ojos, que en llanto
Amargo paguen tributo.
- 2 No es, ojos, intento mio
soltar la corriente en vano,
ni que sea en castellano,
lo que en portuquez es rio:
corrientes de um llanto pio
abono de mi dolor
manifesten al amor,
digan con iras, y affecto
su tyranno, y vil effecto
Mis ojos al desamor.

- 3 Rebutad de sentimiento,
Ojos, en tanto delirio,
porque de aqueste martirio
saquen muchos escarmiento:
sepan de vuestro tormento,
para que tengan horror,
huyan, huyan del amor
que nunca es bien de raiz,
sepan. sepan, que moris
Pues de una esperança en flor.
- 4 Y pues conocisteis vos
lo mucho, que el amor daña,
lo que para niño engana,
lo que miente para Dios,
la esphinge de humana voz,
y coraçon resolutio
llorad con ardiente luto:
temed con tristes dolores,
pues de sus lindas flores
Es oy desengaño el fruto.

AUSENTE DE HUM CONHECIDO BEM RECEA TEMEROSO AS QUEBRAS.

MOTE

Ausencias, y soledades
llora mi fe, y mi amor,
que el adorar-te, y no ver-te
deste efecto causa son.

- 1 Oy, Fili, doble passion
me offende en dura piedad,
los ojos la soledad,
y la ausencia el coraçon:
el pecho, y los ojos son
testigos de mis verdades,
pues llorando vanidades,
miro con oposiciones,
que son causa a mis passiones
Ausencias, y soledades.
- 2 Mi amor, y mi fe conmigo
lloran, y rien mi estrago,
pues al merito es alhago,
lo que al deseo es castigo:
assi complicado sigo
el plazer por el horror,
pues por no ver su esplendor,
quando el merito me vê,
rie mi amor, y mi fe,
Llora mi fe, y mi amor.
- 3 Las ausencias nescio llora

de una, que deidad se infiere,
que quien al divino quiere,
no mira, si bien adora:
la vista a la fe minora
con el peligro al querer-te;
no muera pues, que la suerte
precia menos por amar-te,
el ver-te, sin adorar-te,
Que el adorar-te, y no ver-te.

- 4 Ya quiero la soledad,
y el merito en el tormento
no lo engendre el sufrimiento,
podiendo la enfermedad:
efecto de tu beldad
es tan noble adoracion,
pues tu culto, y mi attencion,
tu deidad, y mis affectos,
desta causa son efectos,
Deste efecto causa son.

AO MESMO ASSUMPTO.

MOTE

Ao pé de uma junqueira
nasce uma fonte de prata,
assentei-me junto dela,
bem tolo é, quem se mata.

- 1 Por divertir saudades
de Fílís do céu traslado
quis escolher meu cuidado
por alívio as soledades:
e revolvendo as verdades
da fé, e firmeza minha,
como cessado não tinha,
de sentir, e imaginar,
me deitei por descansar
Ao pé de uma junqueira.
- 2 Tomou-me o sono os sentidos,
e em sonhos e fantasia
arreatado me guia
a ver uns campos floridos:
e para mais divertidos
meus cuidados, me retrata
uma graciosa mata
fabricada de craveiros,
donde entre verdes oiteiros
Nasce uma fonte de prata.
- 3 Estava as graças notando

de tão linda arquitetura,
quando a melhor formosura
à fonte se vem chegando:
um véu de rosto tirando
para melhor poder vê-la,
conhecer ser Fílis bela,
a que a minha alma roubou,
e vendo, que se assentou,
Assentei-me junto dela.

- 4 Eis que gozando de amor
as delícias, acordei,
e só sem Fílis me achei
da junqueirinha ao redor:
que presto vence uma dor
qualquer aparência grata!
quem em seus amores trata
de glórias, não tem razão,
e por deleites em vão
Bem tolo é, quem se mata.

AO MESMO INTENTO.

MOTE

Deixai-me, tristes memórias.

Nesta ausência, bem querido,
nada me serve de gosto,
que o bem, que em vós tenho posto,
por ausente está perdido:
mas aparta-te, sentido,
pois se apartam essas glórias,
porque as antigas vitórias,
com que amor triunfou então,
já lá vão, já nada são,
Deixai-me, tristes memórias.

CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEO NA POSSE.

Porque não conhecia, o que lograva,
Deixei como ignorante o bem, que tinha,
Vim sem considerar, aonde vinha,
Deixei sem atender, o que deixava.

Suspiro agora em vão, o que gozava,
Quando não me aproveita a pena minha,
Que quem errou, sem ver, o que convinha,
Ou entendia pouco, ou pouco amava.

Padeça agora e morra suspirando

O mal, que passo, o bem, que possuía,
Pague no mal presente o bem passado.

Que quem podia, e não quis, viver gozando,
Confesse, que esta pena merecia,
E morra, quando menos confessado.

COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELLAS MUYTO SATISFEYTO COM A NOBREZA DO SIMILE. A PRIMEYRA QUARTA NÃO HE SUA.

Una, dos, trez estrellas, veinte, ciento,
Un millon, mil millares de millares;
Valga-me Dios! que tengan mis pezares
Su retrato en el alto firmamento!

Que siendo las estrellas tan sin cuenta,
Como son las arenas de los mares,
Las iguale en sus numeros impares
Mi pezar, mi desdicha, y mi tormento!

May yo de que me espanto, o que me abismo!
Tenga esse allivio enfim mi desconsuelo,
Que se vá pareciendo al cielo mismo.

Pues pudiendo mis males por mas duelo
Semejar-se a las penas del abismo,
Tienen su semejança allá en el cielo.

NO FLUXO E REFLUXO DA MARE ENCONTRA O POETA INSENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES.

Seis horas enche e outras tantas vaza
A maré pelas margens do Oceano,
E não larga a tarefa um ponto no ano,
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa
A Lua com impulso soberano
Engole o mar por um secreto cano,
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.
Até o céu se muda, a terra, os mares,
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares
Eram de algum minguate as esperanças,
Nunca o minguate vi de meus azares.

**PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE HUM CAUDALOSO RIO QUAM
DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA.**

MOTE

Vai-te, mas tornas a vir,
eu vou, e não torno mais,
nascemos mui desiguais,
hemo-nos de dividir:
em ti tudo é repetir,
vazas, e tornas a encher:
em mim tudo é fenecer,
tudo em mim é acabar,
tudo em mim é sepultar,
finalmente hei de morrer.

- 1 Vai-te refazer ao mar
do cabedal, que hás perdido
pela terra divertido,
e és ditoso em o cobrar:
eu não posso restaurar,
nem tampouco conseguir,
o que de mim fiz fugir,
tudo se tem acabado:
tu, em que vais apressado,
Vai-te, mas tornas a vir.
- 2 O cansaço, e amargura,
que te custa o teu correr,
tornas logo a converter
em leite, mel e doçura:
eu correndo à sepultura
cada vez me dano mais:
somos muito desiguais
em converter dissabores,
tu te voltas com favores.
Eu vou, e não torno mais.
- 3 Suposto que sem medida
roubando vás dessa sorte,
nem por isso passas morte,
que dure, ou seja sentida:
eu, enquanto dura a vida,
se cometo absurdos tais,
sem que me valham meus ais,
pago mui pelo miúdo,
o que a morte faz a tudo,
Nascemos mui desiguais.
- 4 Afogas mil passageiros,
mas tu a ti não te prendes,
antes mais forçoso empreendes
submegir montes, e oiteiros:

- eu, se não são verdadeiros
meus passos para a Deus ir,
me encaminho a destruir:
tudo em mim é puro estrago,
diversamente naufrago,
Hemo-nos de dividir.
- 5 Inda que assim te despenhes,
não vejo não naufragar-te,
antes mais vejo espalhar-te
por campos, vales, e brenhas:
de mim pobre não há senhas,
em chegando a me fundir
não me hei de reproduzir,
antes para meu encanto
fico num contino pranto,
Em ti tudo é repetir.
- 6 Qualquer tronco, que por si
se vê murcho, ou molestado,
este mui regozijado
se arranca, e vai trás de ti:
eu, se culpas cometi,
tudo é chorar, e gemer,
ninguém me dá seu poder,
ando corrido, e feneço,
e tu, enquanto eu padeço,
Vazas, e tornas a encher.
- 7 És vandoleiro, e pirata
de ramos, flores, e frutos
teus procederes são brutos,
e a ti ninguém te maltrata:
eu, se falta em mim se trata,
e nela chego a morrer,
tudo em mim é padecer,
peno toda a eternidade,
tu tens outra liberdade,
Em mim tudo é fenecer.
- 8 Tens mui tiranos efeitos
no furor, com que devoras,
e todos todas as horas
te têm notáveis respeitos:
eu, aguardam-me sujeitos
para me mais estragar,
gusanos para me dar
o pago, que hei merecido,
tu vives obedecido,
Tudo em mim é acabar.
- 9 Vê, quanto tens destruído,
quanto tens desbaratado,
o que tens morto de gado,

de toda a sorte nascido:
mostra-te disso doído?
não: que não tens que penar,
em mim sim tudo é chorar,
tudo em mim é sentir danos,
tudo em mim são desenganos.
Tudo em mim é sepultar.

- 10 Enfim certamente és rio,
foste mar, mar hás de ser,
mas eu só devo de crer,
que fui, e serei pó frio:
assim creio, assim confio,
nele me hei de converter,
os bichos me hão de comer
hei de todo acabar,
hei de estreita conta dar,
Finalmente hei de morrer.

SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO

MOTE

Como se pode alcançar
de dous, que se querem bem,
qual terá maior pesar,
se o que vai para tornar,
se o que espera, por quem vem.

- 1 Se não posso ir rastejando
a pena, que pode ter,
quem há temor de perder
a prenda, que está logrando:
e se me confundo, quando
me disponho a penetrar
aquela pena, e pesar,
que deixa um bem já perdido,
do mal de ausente o sentido,
Como se pode alcançar?
- 2 Parece uma pena chica,
que chica é por tal arte,
que inda que a dor se reparte,
toda em um se multiplica:
pena, que mais se duplica,
quanto mais partida vem,
na extensão o aumento tem,
que a pena, que a ausência ordena,
sobre ser de dous, é pena
De dous, que se querem bem.
- 3 Se é pena de dous, que se amam,
quem não vê, que em tal querer

dobrado incêndio há de haver,
se há dous fogos, que se inflamam:
quando dous a um tempo clamam,
por força se há de aumentar
a um clamar outro clamar;
assim no mal de não ver-se
cresce a pena, sem saber-se
Qual terá maior pesar.

4 Quem vai, porque a pena rima,
deixa a alma, que se inflama,
para que anime, adonde ama
muito mais, que adonde anima:
quem fica, e se desanima,
quer logo as almas trocar,
por confundir, e ocultar,
qual mais sabe padecer,
quem fica para não ver,
Se o que vai para tornar.

5 Nesta confusão de amor
duvida a perplexidade,
nunca se sabe a verdade
sobre a ventagem da dor:
mas o discreto Leitor,
que quer lhe resolva em bem,
o que o mote em si contém,
veja, que tem mais cuidado,
quem não vem, sendo esperado,
Se o que espera, por quem vem.

NUMA ILUSTRE ACADEMIA

MOTE

Perguntou-se a um discreto,
qual era a morte tirana:
respondeu, que estar ausente
daquilo, que mais se ama.

1 Numa ilustre academia,
que com ciências infusas
fizeram as nove Musas,
onde Apolo presidia:
leu o Secretário Admeto,
um problema mui seletto
propôs, para argumentar-se,
e havendo de perguntar-se,
Perguntou-se a um discreto.

2 Ele, que estava distante,
e não ouvia a proposta,
não deu por então resposta

de Surdo, e não de ignorante:
mas vendo no seu semblante
a academia Sob'rana,
que tinha a desculpa lhana,
lhe advertiram com agrado,
que lhe haviam perguntado:
Qual era a morte tirana.

- 3 Ele entonces como um raio
prontamente, e sem detença
tomando vênica, e licença
fez consigo um breve ensaio:
o mais horrível desmaio
que um peito amoroso sente,
é a falta do bem presente:
ficou-lhe a resposta lhana;
e a qual é a morte tirana,
Respondeu, que estar ausente.
- 4 Deixou a resposta absorto
a aquele douto congresso,
porque é já provérbio expresso,
que ausente é o mesmo que morto:
eu me persuado, e exorto,
que quem se abrasa, e inflama
de amor na contínua chama,
inda que sinta abrasar-se,
e menos mal, que ausentar-se
Daquilo, que mais se ama.

CORAÇÃO, QUE EM PERTENDER

MOTE

Se de um bem nascem mil males,
de um mal quisera saber
quantos bens podem nascer?

- 1 Coração, que em pertender
perdes tempo em esperanças,
e quando algum bem alcanças,
é por ter mais que perder:
por cousas, que não têm ser,
e de que nunca te vales,
como direi, que te abales?
como direi, que convém,
andar em busca de um bem,
Se de um bem nascem mil males?
- 2 Quando um firme bem procuras,
te desavéns com teus bens,
porque perdendo os que tens,

noutros males te asseguras:
aos bens nunca te aventuras
sem certos males colher,
e eu para te defender,
e a vida te conservar,
um bem não tomara achar,
De um mal quisera saber.

- 3 Do bem os males nasceram
do mal nunca nasceu bem,
salvo o mal de quem não tem
bens, de que os males se geram:
e inda que do mal puderam
os bens produzidos ser,
se os hás de vir a perder,
antes toma um mal por gosto
Quantos bens podem nascer.

SERVIU LUÍS A ISABEL

MOTE

Amar Luís a Maria,
amaria não é amar
logo como pode estar
num tempo amar, e amaria.

- 1 Serviu Luís a Isabel
Por prêmio de um favor só
mais tempo do que Jacó
serviu à bela Raquel:
e porque Isabel infiel
o enganou de dia em dia,
em pena de aleivosia
em Maria o empreguei,
e então lhe certifiquei
Amar Luís a Maria.
- 2 Deixei-a tão persuadida,
quanto ela é presuntuosa,
que o presumir de formosa
persuade o ser querida:
porém como é entendida,
e em toda a arte de amar
sabe mui bem conjugar,
disse, tomando-me a mão,
que em boa conjugação
Amaria não é amar.
- 3 Que amaria é imperfeito,
e perfeito o ter amado,
e a um presente cuidado

não serve o plus-quão-perfeito:
vi eu a Moça de jeito,
que me pus pela quietar
nesta forma a conjugar
"Amar Luís, e amaria
não está em filosofia",
Logo como pode estar?

- 4 Este aparente argumento,
e sutil proposição
não só tirou a questão,
mas deu-lhe contentamento:
firme enfim ao fundamento
da minha sofisteria
diz, que a boa astronomia
tem uns pontos tão sutis,
que pode estar em Luís
Num tempo amar, e amaria.

AMOR, QUE ES FUEGO, Y AMADO

MOTE

Antandra, el Amor, si nó
ocultas tus rayos, sé,
que te ha de roubar, lo que
Prometeo al sol robó.

- 1 Amor, que es fuego, y amado
com arco, aljaba, y saetas
com mil amorosas tretas
mil armas ha conquistado:
pero tu, Antandra, has ganado
más victórias, que el ganó,
de suerte que dudo yo
(viendo unos, y otros despojos)
si puede más que tus ojos,
Antandra, el Amor, si no.
- 2 Porque en severa conquista
tienen flechas, arco, y fuego,
y luz, con que el amor ciego
dexan a perder de vista:
y ansi no ay, quien resista
la luz, que en ellos se vê,
y aun el mismo Amor por lé
(como no puede mirando)
que te adora, Antandra, quando
Ocultas tus rayos, Sé.
- 3 Mas de sus adoraciones
no debes mucho fiar-te

que dizem, que hade robar-te,
pues le robas coraçones:
no ay, que fiar en ladrones,
que enbistem a falsa fé;
mas yo le perguntaré,
Antandra, quando tu queiras,
pues afirman tan deveras,
Que te hade robar? Lo que?

- 4 Y si a tus ojos dixere,
bien se dexa ver, que es ciego,
y se dixeres, que el fuego,
señal, que el tuyo prefiere:
luego bien claro se infiere,
que el mismo se condenó,
y pues asi te embidió
puedes dar-lhe de barato,
lo que por un falso trato
Prometeo al sol robó

SE HOUVERA CONFORMIDADE

MOTE

Não quero, o que vós quereis,
só quero, que vós queirais
aquilo, que não quereis,
só quero, não quero mais.

- 1 Se houvera conformidade
em um, e outro querer,
ambos poderiam ser
atos da mesma vontade:
porém na diversidade
de uma, e de outra vereis,
quando firme pergunteis,
onde minha alma está posta,
como tendes por resposta,
Não quero, o que vós quereis.
- 2 E se acaso se oferece
outro objeto a vosso amor,
e publicais por favor,
que em vós só o meu floresce:
esta ação nada merece,
mas antes me ofende mais,
e do prêmio, que buscais,
deponde a louca esperança
e não ter de mim lembrança
Só quero, que vós queirais.
- 3 Se nesta deformidade,
que em vossas vontades há,
algum meio indústria dá

para haver conformidade,
é, que na vossa vontade
mil impossíveis obreis,
porque amando não ameis,
sendo fino, o não sejais,
e não querendo queirais
Aquilo, que não quereis.

- 4 Se isto muito parecer
em uma vontade humana
isso mesmo desengana
os quilates do seu ser:
pouco amor, pouco querer
é força, que concedais,
pelo que não pertendais
as lisonjas do meu gosto,
porque, o que tenho proposto,
Só quero, não quero mais.

VIDINHA: POR QUE CHORAIS?

MOTE

Se lágrimas aliviam,
como padece, quem chora?

- 1 Vidinha: por que chorais?
porque padeço, meu bem.
Mui grande dúvida tem
a resposta, que me dais:
se lágrimas são sinais
dos que dantes padeciam,
alívio já sentiriam
das lágrimas ao verter;
logo implica o padecer
Se lágrimas aliviam.
- 2 Dúvida não pode haver,
que enquanto os olhos me choram,
suposto a pena melhoram,
se está rindo o padecer:
alívio deve de ter,
quem já seus males melhora,
mas se nele a pena mora
até o choro acabar,
fácil é de se mostrar
Como padece, quem chora.

DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO

MOTE

Para retratar uns olhos
Cupido se fez pintor,
desfez o céu para tinta
moeu para luz o Sol.

- 1 De uns olhos se viu rendido
Amor, que os arpões quebrou,
porque afrontados julgou
arpões doutro arpão vencido:
cego, e turbado Cupido
guiado de seus antolhos
trilha espinhos, pisa abrolhos,
e por curar seu cuidado
um pincel pede emprestado
Para retratar uns olhos.
- 2 Para uns olhos tão brilhantes
buscava o melhor pincel,
negou-lhe Apeles cruel,
piedoso lhe deu Timantes:
como Mestres tão prestantes
puseram de morte cor,
olhos, que vencem a Amor:
nesta pena, que o soçobra,
para colorir a obra
Cupido se fez pintor.
- 3 Sempre eu vi que aos amadores
nada falta em bom primor:
porém hoje ao mesmo Amor
para pintar faltam cores:
ele perdeu as melhores
em ter a presença extinta
dos olhos belos, que pinta,
cuja cor é celestial,
e por lhe dar natural
Desfez o céu para tinta.
- 4 Para cópia tão divina,
como Amor a imaginou,
todo o aparelho tirou
dessa esfera cristalina:
excedia a ultramarina
cor desse azul arrebol,
e do divino farol
sendo precisa a luz pura,
por dar claros à pintura
Moeu para luz o Sol.

**PARECE QUE JA SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU
RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA.**

MOTE

Contentamento, onde estás,
que te não acha ninguém,
se intenta buscar-te alguém,
não sabe, por onde vás.

- 1 Amigo contentamento,
peço-te por esta vez,
que não me busques, que intento
buscar-te em teu aposento,
para lançar-me a teus pés:
que não quês, e a ousadia,
ou a desserviço o hás,
para que te acha algum dia,
me digas em cortesia,
Contentamento, onde estás.
- 2 Por mil partes diferentes
andei, e te certifico
não ver-te por entre as gentes,
antes todos descontentes
alto, baixo, pobre, rico:
fui-me aos palácios e ouvi,
que se acaso ali te vêem,
sem deixar sinais de ti,
tão cedo te vais dali,
Que te não acha ninguém.
- 3 Dei logo em imaginar,
que estás entre os namorados,
busquei-te, e vendo-os queixar,
mal (disse) se podem dar
contentamento, e cuidados:
com que vendo o teu desvio
julguei, que passar além
era trabalho baldio,
e que intenta um desvario,
se intenta buscar-te alguém.
- 4 Fiquei tão desenganado,
que direi por toda a parte,
que quem por dita, ou por fado
se não vir de ti buscado,
não se canse com buscar-te:
Porque é tal tua conquista,
que inda o triste, a quem te dás,
por muito, que ele te assista,

em perdendo-te de vista,
Não sabe, por onde vás.

**DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS
FRIVOLOS, E TOTALMENTE CONTRARIOS A RAZÃO DO AMOR.**

MOTE

Deixar quero o vosso bem,
para tomar vosso mal,
porque o vosso bem é tal,
que do mal melhor me vem.

- 1 Se dor me infunde no peito,
Clóri, quererdes-me assaz,
dai ao demo amor, que traz
mais dano, do que proveito:
não vi amor de tal jeito
no mundo daquém, e além,
e pois simulado vem
todo o mal, que me fazeis,
neste bem, que me quereis,
Deixar quero o vosso bem.
- 2 Se mal vosso bem me influi,
bens vosso mal dará vários,
porque de agentes contrários
contrário efeito se argúi:
a conseqüência conclui
por força filosofal;
e pois vosso mal é tal,
que em vós doutro bem não sei,
que bens não repudiarei,
Para tomar vosso mal?
- 3 Pois o bem pelo mal troco
pelas causas, que já disse,
terei a grã parvoíce,
que vós me tenhais por louco,
que eu o que exprimento, e toco
neste bem prejudicial
me faz homem desigual,
avesso, néscio, e sandeu:
porém tal homem sou eu,
Porque o vosso bem é tal.
- 4 Se tal fora o vosso amor,
como são outros amores,
fecundo para os favores,
estéril para o rigor:
tivera a grande favor,
Clóri, quererdes, a quem
vos adorara um desdém,
que outro tempo aborrecia,

porque então não entendia,
Que do mal melhor me vem.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística